



Diário da

TRANCA

José Diniz Jr.

O Diário da Tranca

José Diniz Jr.

*Ao meu irmão Vanildo que se foi antes
Aos meus filhos, Dennis, Claus, Rafael e Isabella
Aos meus netos, Pedro, Beatriz e Lucas*

Primeira prisão

Por volta de 2006 eu fui procurado por uma pessoa que dizia ter denúncias contra um advogado que – contratado por uma questão imobiliária – estaria passando informações à parte contrária, por ter havido desacordo quanto aos honorários. A conversa com essa pessoa acabou acontecendo no Largo do Rosário, testemunhada por meu amigo-irmão, engenheiro Davis Ortiz Batalha. Ciente do caso, publiquei a notícia no Matéria-Prima e acabei sendo chamado pela Ordem dos Advogados de Taubaté para confirmar a notícia diante de sua comissão de ética. Na ocasião relatei também o nome de minha testemunha, nome e endereço, que deveria comparecer para ser ouvida e confirmar tudo aquilo que me havia falado e que motivou a matéria que publiquei. Algum tempo depois fui novamente convocado pela OAB para tomar conhecimento do andamento da denúncia.

Para minha surpresa, minha testemunha negou tudo que me havia relatado, dizendo que “se tivesse intenção que o caso fosse publicado, teria procurado um parente que na ocasião tinha um programa na TV-Band Vale”. Disso se aproveitou o advogado que denunciei na matéria, que conseguiu na Justiça a minha condenação baseada na Lei de Imprensa.

Fui recolhido ao Pemanó no dia 8 de dezembro de 2007, passando lá o Natal, passagem de ano e carnaval. Fui libertado no final de fevereiro quando o ministro Miro Teixeira anunciou o fim da Lei de Imprensa, último resquício da ditadura militar. Como único jornalista preso no Brasil por conta dessa lei, virei notícia, sendo entrevistado por diversos órgãos de Imprensa escrita e falada de todo o país.

Dicionário da Tranca

Aquário = quarto cercado de vidros onde dorme o guarda do pavilhão

Aritaca = beliche comum

Agradece, sem palavras = obrigado

Acender o isqueiro = instigar discussão
Boi berrando = vaso sanitário ocupado
Barba de bode = um cara inferior
Bola de meia = ficar quieto no seu canto
Bico seco = falta de droga
Bang = algo relacionado ao crime
Baguio = “o baguio é louco”
Badarosca = coisa mal feita
Bassoura = vassoura
Barrigada = usar o vaso sanitário
Braço gordo = matador
Barro embaixo da unha = preso novo
Bic = isqueiro
Boa, rapa? = Tudo bem?
Boi ralado – carne moída
Coruja = cueca
Chamar na canela = fugir
Corajoso = papel higiênico
Campana = espelho
Cunhada = esposa
Dar milho = conversa com más intenções
Doutor Alam – alambrado
Dona Zoraide = Sueli Zeraik
Doutor Areia = advogado mentiroso
Está estralando = está bombando
Estamos juntos = para o que der e vier
Está molhado = pintou sujeira
Está no pente = está pronto
Esticar o chicletes = falar demais
Estar de chapéu = estar por fora
Forrest Gump = mentiroso, contador de histórias
Funça = funcionário
Frango = funcionário
Fazer um pião = caminhar
Fazer o corre = mascatear dentro da cadeia
Faça seu corre = procure seus interesses

Fazer castelo = sonhar com a namorada
Graxa = comida
Gadinho = namoradinha
Gaiada = beliche
Irmão = do PCC
Idéia de mil graus = boa idéia
Jack = estuprador
Jogar letrinhas = conversa fiada
Jambrar = ato sexual
Ladrão = forma carinhosa de tratamento
Jão = forma agressiva de tratamento
Língua preta = falador
Lagarto = quem segura bronca de outro
Machadão = aparelho de barbear
Marroco = pão
Macaca = banana
Moscar = dar boabeira
Mundão = a cidade
Mundrongo = sujo
Meter um louco = fazer-se de louco
Mente blindada = sem conversa fiada
No osso = no fim
Não trabalhamos com nomes = sem dedurar
Na tranca ponto é palavra = meça o que fala
Ninja = que abastece a prisão na madrugada
Namorada kinder ovo = já vem com filhos
Pá = serve como vírgula
Poucas idéias = chega de conversa
Papo reto = direto ao assunto
Pau no gato = agredir
Picado = cigarro
Piolho de cadeia = preso antigo
Puto = bissexual
Proceder = comportamento
Percevejo = o puro sangue da cadeia
Pé vermelho = ladrão do interior

Rasante = caminhar
Qual é a fita? = qual o problema?
Quebrar na madeira = agredir
Roubar uma brisa = atrapalhar
Rabuda = enxada
Rádio ladrão = espalhando os últimos boatos
Sou do corre = sou ladrão
Sonho de noiva = linguiça
Quieto = lençol em torno dos beliches
Quebrada = cidade, bairro
Sem teto = quem não recebe visitas
Tsunami = cocaína da melhor qualidade
Telefone chorando = orelhão desocupado
Talarico = “namorado” da mulher do ladrão
Triatlon = bebida + maconha + cocaína
Treta = negócio
Uma mínima de Nescau = um pouquinho de Nescau
Zé Povinho = quem trabalha
Zica = esperto, perigoso

Regras do Pemanó

- 1 – Não é permitido nas galerias o uso de toucas, bonés, shorts, bermudas, óculos escuros, camisa regata ou sem manga e rádio com fone.
- 2 – Não é permitido ficar sentado nas galerias, exceto nos bancos da fila do telefone, enfermaria ou barbearia.
- 3 – É obrigatório o comparecimento imediato quando solicitado pela “boca de ferro” (alto falante).
- 4 – Não é permitido o uso de barba ou cavanhaque.
- 5 – O trânsito entre uma ala e outra só é permitido nos finais de semana, durante a visita, ou seja, das 8:00 às 16:00 horas. É expressamente proibido o trânsito durante a semana.
- 6 – Não é permitida a permanência na galeria de acesso ao Pemanó sem

autorização, exceto nos dias de visita.

7 – É proibido cortinados (“quietos”) nas camas ou de uma cama para outra, exceto nos finais de semana quando da visita íntima.

8 – Não é permitido ao reeducando mudar de cama, ala ou dormitório, sem prévia autorização. Os pedidos de mudança de pavilhão serão feitos somente até as quartas feiras.

9 – Rol de visitas – os pedidos de inclusão e exclusão de nomes de visitantes no rol de visitas deverão ser feitos até terça feira de cada semana.

10 – Os pedidos de liberação de dinheiro para familiares nos finais de semana, depósitos bancários e vale postal, deverá ser feito até terça feira de cada semana com o funcionário responsável pelo setor. A pessoa que receber o dinheiro deverá constar com o seu nome no rol de visitas do solicitante.

Moda da Tranca

- Percevejos – Para combater esse inseto inconveniente – que ao lado de seu primo pernalongo torna pior a tranca – este colunista recomenda. Comer bastante alho nas refeições. O bafo fica insuportável. Mas o percevejo não beija na boca.
- Picadão – Cardápio freqüente da tranca. O picadão – também conhecido por “boi ralado” – carne, batata e abóbora – pode ganhar um tempero inigualável se nele foi adicionado um delicioso chá de “comigo ninguém pode” – planta encontrada nos jardins do pavilhão.
- Celular – Mereceu comentários a notícia que em determinado presídio uma mulher conseguiu introduzir um celular, com carregador, dentro de um pote de Toddy. Que por sua vez estavam escondidos na parte mais íntima de seu corpo. Lembrou-se que anatomicamente a mulher pode gerar um filho?
- Atividades – A cada dia multiplicam-se as atividades dos manos que manos que estão na tranca, proporcionando-lhes atividades profissionais para quando estiverem na rua. Veja alguns exemplos:
- Cortar cabelos com tocos de gilette – tecer bonezinho de crochê –

fazer canequinhas com latas vazias – trabalhar na cozinha e desvendar os segredos do picadão – virar crente e tornar-se pastor – fabricar “maricas” para não deixar os dedos amarelados pela maconha.

- Moeda – Incólume as instabilidades de qualquer moeda, o dinheiro da cadeia – maços de cigarros – tem resistido as intempéries econômicas de todo o mundo, mantendo-se estável. Um corte de cabelo nunca vai além de dois maços de Derby.

- Sexo – A Rádio Transcontinental com sua variedade de pagodes, além de satisfazer o gosto musical dos apreciadores do gênero, oferece outra vantagem: ajuda a abafar os gritos e sussurros dentro dos pavilhões nos dias de visita íntima.

- Futebol – O tradicional esporte que alegra o Brasil, não passa em branco na tranca. Aos sábados e domingos os 16 pavilhões montam seus esquadrões visando conquistar os cobiçados troféus: um “tijolo” para o campeão, um pouco menos para o vice. Os prêmios costumam ser fumados no mesmo dia da conquista.

- Mascates – Se existe a moeda da tranca, inevitável que também existam produtos em oferta. Como ainda não existe o Cadeia Shopping, cabe aos mascates circularem até as 21:30 horas oferecendo seus valiosos produtos. Na véspera da visita íntima, até o viagra paraguaio – 5 maços.

- Delivery – Quando uma mercadoria está faltando na tranca, a solução é fácil. Utiliza-se o celular e na madrugada um “ninja” arremessa o produto por cima do muro. O termo “ninja” foi inventado pelos próprios manos.

- Nome no caderno – É o Serviço de Proteção ao Crédito da tranca. Consumiu drogas e ficou devendo, o nome vai para o caderno, com prazo para pagamento. Enquanto o nome está “sujo” o caloteiro fica proibido de cheirar e fumar.

* * * * *

Querido neto Pedro

Há oitenta dias que não vejo você. Passamos as festas de dezembro e o carnaval distantes. Tive que guardar para o próximo ano as fantasias de

Irmãos Metralha que mandei fazer para nós.

Confesso que menti para você quando falamos ao telefone. Seu avô Diniz não estava na praia, mas em uma “praia” em que o mar é substituído por uma diretor intransigente chamado “Doutor Alam – brado”.

Como você estuda em uma boa escola, dentro de alguns anos vai ler e entender que seu avô funcionava impulsionado por uma pilha chamada indignação, uma palavra cada vez mais fora de moda que serve para desmascarar os eternos aproveitadores de plantão.

Mas não é mesmo um sonhador atrasado esse seu avô, Pedro?

Aproveitei esses oitenta dias para mergulhar num dos problemas sociais do momento: o aumento da criminalidade atingindo meninos alguns anos mais velhos que você.

O revoltante é que todo mundo está bocejando de saber os motivos, mas fingem-se de mortos, isto é, até que eles próprios sejam atingidos, como aconteceu há alguns dias com um apresentador de televisão, cujo nome não tem a menor importância, que teve o relógio roubado na rua e botou a boca no mundo, como se vivesse em outro planeta.

Seu pai Dennis e seu tio Tatau não se cansam de pedir que eu aposente o uniforme de Don Quixote, deixando de lado as pelepas contra moinhos de vento, mas ao ver tanto imbecilóide posando de dono da verdade, um impulso incontrolável me faz afivelar as armas, montar no cavalo Rocinante e sair galopando pelas planícies.

O problema, Pedro, é que enquanto seu avô ainda usa estilingue com bolinhas de gude, o inimigo traçoeiro está vindo com mísseis, lança chamas, “depromas” e estrelas de xerifão, deixando-me cada vez mais sozinho na batalha.

Veja você que nessa última batalha eu tive que aguardar oitenta dias para que alguém trocasse uma ferradura de meu pangaré para que ele tivesse condições de me recolocar na caminhada.

Ainda bem que aí fora tem alguns sonhadores que pensam como seu avô. Basta ver as cartas que eles tem me enviado aqui para dentro da tranca.

Deus o abençoe, meu neto.

Esse texto representa uma pequena amostra da obra “O Diário da
Tranca”, de José Diniz Júnior.
A edição final está em vias de publicação.